

ANÁLISE COMPARATIVA DAS INTERNAÇÕES POR FARINGITE E AMIGDALITE AGUDA NO BRASIL E NO ESTADO DO PARANÁ ENTRE 2010 E 2024

COMPARATIVE ANALYSIS OF HOSPITALIZATIONS FOR PHARYNGITIS AND ACUTE TONSILITIS IN BRAZIL AND THE STATE OF PARANÁ BETWEEN 2010 AND 2024

ANÁLISIS COMPARATIVO DE LAS HOSPITALIZACIONES POR FARINGITIS Y AMIGDALITIS AGUDA EN BRASIL Y EL ESTADO DE PARANÁ ENTRE 2010 Y 2024

Isadora Stroka Fernandes¹
Luciana Osório Cavalli²

RESUMO: Esse artigo buscou analisar e comparar o perfil epidemiológico das internações hospitalares por faringite e amigdalite aguda (CID J02 e J03) no Brasil e no estado do Paraná. A faringite e a amigdalite aguda são infecções do trato respiratório superior com alta prevalência, gerando um número significativo de internações no Sistema Único de Saúde (SUS). Realizou-se um estudo epidemiológico, descritivo e quantitativo, com base em dados secundários do Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS) do DATASUS, abrangendo o período de janeiro de 2010 a dezembro de 2024. No período, foram registradas 162.261 internações no Brasil, das quais 5.085 (3,1%) ocorreram no Paraná. Os resultados demonstraram um perfil majoritariamente pediátrico, com 52,5% dos casos nacionais concentrados em menores de 10 anos. Observou-se um padrão sazonal claro, com picos de internação nos meses de outono e inverno. Um achado de destaque foi a redução abrupta de mais de 50% nas hospitalizações em 2020, coincidindo com o início da pandemia de COVID-19. A média de permanência nacional foi de 2,9 dias, enquanto no Paraná foi ligeiramente inferior (2,6 dias). Conclui-se que as internações seguem um padrão epidemiológico claro, fortemente impactado pelas medidas de saúde pública da pandemia, com o Paraná apresentando indicadores de permanência discretamente mais eficientes que a média brasileira.

Palavras-chave: Faringite Aguda. Amigdalite Aguda. Epidemiologia.

¹ Acadêmica de medicina do 5º ano, Centro universitário FAG.

² Orientadora. Doutora em saúde coletiva Centro universitário FAG.

ABSTRACT: Acute pharyngitis and tonsillitis are upper respiratory tract infections with high prevalence, generating a significant number of hospitalizations in the Unified Health System (SUS). The objective of this study was to analyze and compare the epidemiological profile of hospital admissions for acute pharyngitis and tonsillitis (ICD-10 J02 and J03) in Brazil and the state of Paraná. An epidemiological, descriptive, and quantitative study was conducted based on secondary data from the Hospital Information System (SIH/SUS) of DATASUS, covering the period from January 2010 to December 2024. During the period, 162,261 admissions were recorded in Brazil, of which 5,085 (3.1%) occurred in Paraná. The results showed a predominantly pediatric profile, with 52.5% of national cases concentrated in children under 10 years of age. A clear seasonal pattern was observed, with hospitalization peaks in the autumn and winter months. A key finding was the abrupt reduction of more than 50% in hospitalizations in 2020, coinciding with the onset of the COVID-19 pandemic. The national average length of stay was 2.9 days, while in Paraná it was slightly lower (2.6 days). It is concluded that hospitalizations follow a clear epidemiological pattern, strongly impacted by public health measures from the pandemic, with Paraná showing slightly more efficient length-of-stay indicators than the Brazilian average.

Keywords: Acute Pharyngitis. Acute Tonsillitis. Epidemiology.

RESUMEN: La faringitis y la amigdalitis aguda son infecciones del trato respiratorio superior con alta prevalencia, generando un número significativo de hospitalizaciones en el Sistema Único de Salud (SUS). El objetivo de este estudio fue analizar y comparar el perfil epidemiológico de las hospitalizaciones por faringitis y amigdalite aguda (CIE-10 J02 y J03) en Brasil y en el estado de Paraná. Se realizó un estudio epidemiológico, descriptivo y cuantitativo, basado en datos secundarios del Sistema de Informaciones Hospitalarias (SIH/SUS) del DATASUS, abarcando el período de enero de 2010 a diciembre de 2024. En el período, se registraron 162.261 hospitalizaciones en Brasil, de las cuales 5.085 (3,1%) ocurrieron en Paraná. Los resultados demostraron un perfil mayoritariamente pediátrico, con el 52,5% de los casos nacionales concentrados en menores de 10 años. Se observó un patrón estacional claro, con picos de hospitalización en los meses de otoño e invierno. Un hallazgo destacado fue la reducción abrupta de más del 50% en las hospitalizaciones en 2020, coincidiendo con el inicio de la pandemia de COVID-19. El promedio de permanencia nacional fue de 2,9 días, mientras que en Paraná fue ligeramente inferior (2,6 días). Se concluye que las hospitalizaciones siguen un patrón epidemiológico claro, fuertemente impactado por las medidas de salud pública de la pandemia, presentando Paraná indicadores de permanencia ligeramente más eficientes que el promedio brasileño.

Palabras clave: Faringitis Aguda. Amigdalitis Aguda. Epidemiología.

INTRODUÇÃO

As infecções do trato respiratório superior (ITRS) estão entre as doenças mais comuns na população global, com destaque para a faringite e a amigdalite aguda. Estas condições, caracterizadas pela inflamação da faringe e das amígdalas, possuem etiologia

predominantemente viral, mas também podem ser causadas por bactérias, notavelmente o *Streptococcus pyogenes* (Estreptococo beta-hemolítico do grupo A). Embora grande parte dos casos seja autolimitada ou manejada eficazmente em nível ambulatorial (FERRAZ et al., 2024), uma parcela significativa evolui com complicações ou apresenta gravidade que exige hospitalização.

A epidemiologia dessas infecções demonstra uma prevalência acentuada na população pediátrica, sendo uma das principais causas de procura por atendimento médico em crianças e adolescentes (NASCIMENTO-CARVALHO; MARQUES, 2006 e SOUSA et al., 2024). Além disso, a incidência apresenta padrões de sazonalidade bem descritos, comumente associados aos meses mais frios, que favorecem a aglomeração em ambientes fechados e a disseminação dos patógenos (PITREZ e PITREZ, 2006).

No Brasil, as internações por faringoamigdalites representam um ônus considerável para o Sistema Único de Saúde (SUS), impactando a alocação de leitos hospitalares e recursos financeiros (COSTA et al., 2025). Estudos recentes têm analisado o perfil dessas internações em diferentes regiões, como no Amazonas (COELHO et al., 2024), mas ainda existe uma lacuna na literatura epidemiológica que compare os dados nacionais de forma consolidada com a realidade específica do estado do Paraná. A compreensão do perfil dessas internações é crucial para o planejamento de políticas públicas, a otimização de recursos e a adequação de protocolos assistenciais.

3

Ademais, a pandemia de COVID-19, iniciada em 2020, introduziu uma variável sem precedentes. As medidas de saúde pública, como o distanciamento social, o uso de máscaras e a higiene das mãos, impactaram drasticamente a circulação da maioria dos vírus respiratórios e bactérias. Estudos que analisaram o período pré-pandemia e durante a pandemia já apontaram para uma nítida redução das internações por estas causas (ZANATTA et al., 2022). Portanto, analisar o comportamento das internações por faringoamigdalites antes, durante e após o período crítico da pandemia tornou-se fundamental.

Diante desse contexto, o presente estudo teve como objetivo analisar e comparar o perfil epidemiológico das internações hospitalares por Faringite Aguda (CID J02) e Amigdalite Aguda (CID J03) no Brasil e no estado do Paraná, entre os anos de 2010 e 2024. Especificamente, buscou-se comparar a evolução temporal e a sazonalidade dos casos, identificar o perfil

demográfico por sexo e faixa etária, e analisar o tempo médio de internação em ambas as localidades.

MÉTODOS

Tratou-se de um estudo epidemiológico, com delineamento descritivo, quantitativo e de abordagem retrospectiva. Os dados foram coletados a partir do banco de dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). A plataforma de acesso foi o Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS), que consolida as informações das Autorizações de Internação Hospitalar (AIH) em todo o território nacional.

A coleta de dados ocorreu no mês de outubro de 2025, abrangendo o período de janeiro de 2010 a dezembro de 2024. O período foi selecionado para permitir a análise de tendências, sazonalidade e o impacto da pandemia de COVID-19. Os códigos da Classificação Internacional de Doenças (CID-10) utilizados para a busca foram o J02 (Faringite aguda) e o J03 (Amigdalite aguda).

Os dados foram tabulados em planilhas do software Microsoft Excel® para a análise estatística descritiva. As variáveis de interesse foram: número de internações, localidade (Brasil e Paraná), ano e mês de atendimento, sexo, faixa etária e média de permanência hospitalar.

4

Os resultados foram apresentados em forma de gráficos de linha, para demonstrar a evolução temporal e a sazonalidade, e em tabelas, para detalhar o perfil demográfico e os indicadores hospitalares, com cálculos de frequência absoluta (N) e relativa (%).

Por se tratar de um estudo baseado em dados secundários de domínio público, que não envolvem a identificação dos pacientes, o projeto dispensou a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS

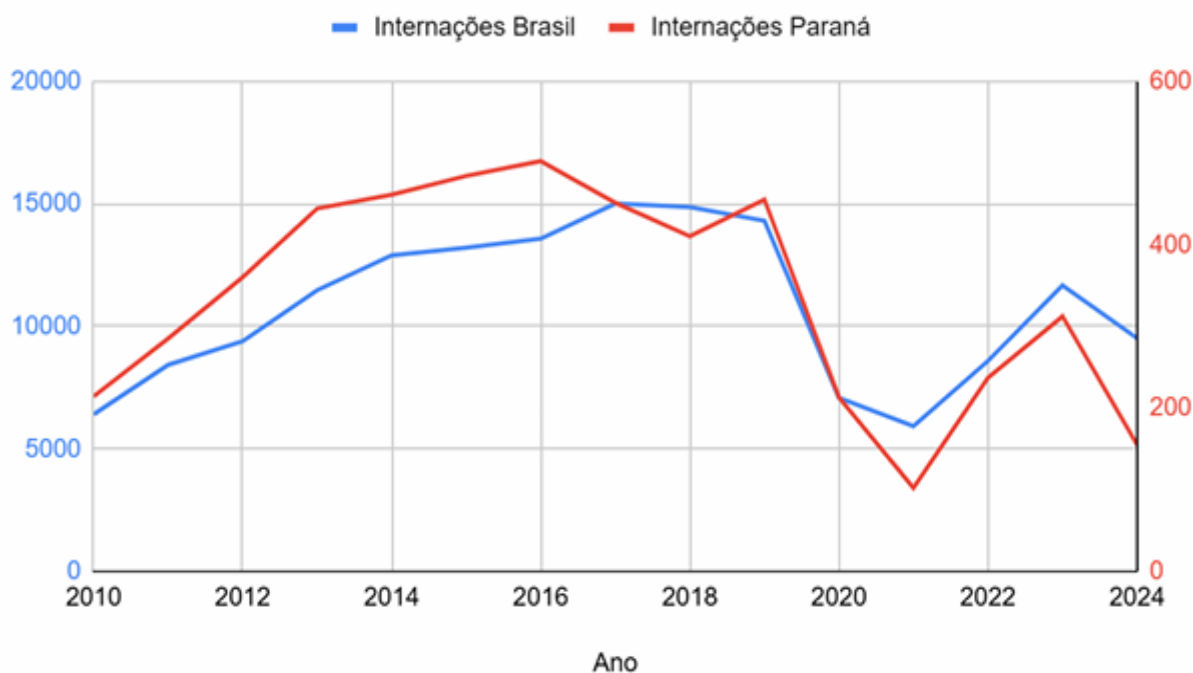
No período de janeiro de 2010 a dezembro de 2024, foram registradas no Sistema de Informações Hospitalares (SIH/SUS) um total de 162.261 internações por Faringite Aguda (CID J02) e Amigdalite Aguda (CID J03) em todo o território nacional. Deste montante, 5.085 internações (3,1%) ocorreram no estado do Paraná.

A evolução temporal das internações, apresentada no Gráfico 1, demonstra uma tendência de crescimento no número de hospitalizações em ambas as localidades (Brasil e

Paraná) entre 2010 e 2018. O pico da série histórica ocorreu em 2018 para o Brasil (15.003 casos) e em 2016 para o Paraná (502 casos).

Gráfico 1 – Tendência das hospitalizações por faringite e amigdalite aguda (2010 – 2024)

Internações Brasil e Internações Paraná



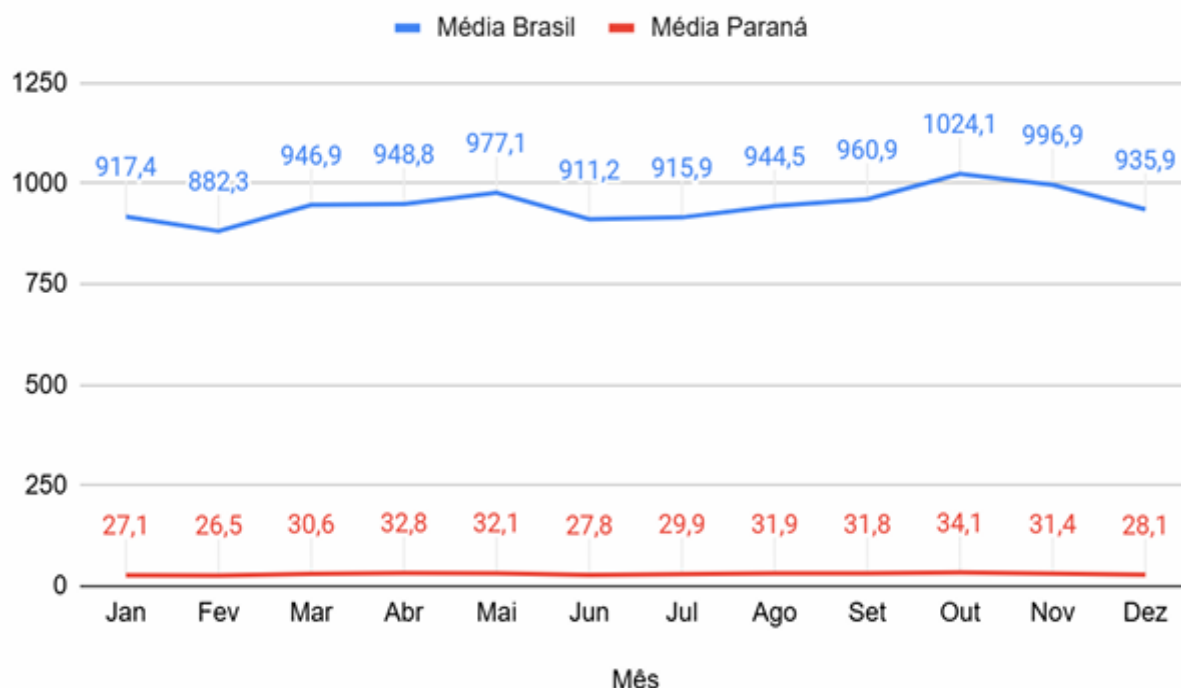
Fonte: FERNANDES, IS. 2026; dados extraídos de DATASUS.

Um achado de destaque é a queda abrupta observada a partir de 2020. No Brasil, o número de internações caiu de 14.298 em 2019 para 7.078 em 2020, uma redução de aproximadamente 50,5%. No Paraná, a queda no mesmo período foi de 53,2% (de 455 para 213 casos). Houve uma leve recuperação em 2022 e 2023, porém sem retornar aos níveis pré-pandêmicos.

Ao analisar a sazonalidade (Gráfico 2), observa-se um padrão de maior ocorrência de internações nos meses de outono e inverno, com picos nos meses de abril, maio, agosto e, principalmente, outubro, tanto no cenário nacional quanto no estadual, corroborando a hipótese de maior incidência em estações frias.

Gráfico 2 – Média dos casos de faringite e amigdalite ao longo dos meses (2022 – 2024)

Média de casos no Brasil e no Paraná



Fonte: FERNANDES, IS. 2026; dados extraídos de DATASUS.

O perfil demográfico das internações (Tabela 1) revela uma distribuição equilibrada entre os sexos, com leve predomínio feminino no Brasil (50,5%) e leve predomínio masculino no Paraná (51,0%).

Em relação à faixa etária, o perfil é majoritariamente pediátrico. No Brasil, a faixa de 1 a 4 anos concentra 32,5% dos casos, seguida pela faixa de 5 a 9 anos (16,3%). Somadas, as internações em menores de 10 anos representam 52,5% do total nacional. O padrão se repete no Paraná, onde as faixas de 1 a 4 anos (29,9%) e 5 a 9 anos (13,5%) somam 43,4% do total.

Tabela 1 – Perfil etário das internações (2010– 2024)

Característica	Categoria	Brasil (N=162.261)	Paraná (N=5.085)
Sexo	Masculino	80.345 (49,5%)	2.596 (51,0%)
	Feminino	81.916 (50,5%)	2.489 (49,0%)
Faixa Etária	Menor 1 ano	5.972 (3,7%)	215 (4,2%)
	1 a 4 anos	52.704 (32,5%)	1.523 (29,9%)
	5 a 9 anos	26.428 (16,3%)	687 (13,5%)
	10 a 14 anos	12.448 (7,7%)	299 (5,9%)
	15 a 19 anos	13.873 (8,5%)	447 (8,8%)
	20 a 24 anos	11.779 (7,3%)	386 (7,6%)
	25 a 29 anos	9.250 (5,7%)	308 (6,1%)
	30 a 34 anos	7.194 (4,4%)	240 (4,7%)

	35 a 39 anos	5.500 (3,4%)	207 (4,1%)
	40 a 44 anos	4.042 (2,5%)	132 (2,6%)
	45 a 49 anos	3.068 (1,9%)	126 (2,5%)
	50 a 54 anos	2.389 (1,5%)	116 (2,3%)
	55 a 59 anos	1.950 (1,2%)	98 (1,9%)
	60 a 64 anos	1.505 (0,9%)	65 (1,3%)
	65 a 69 anos	1.299 (0,8%)	62 (1,2%)
	70 a 74 anos	928 (0,6%)	61 (1,2%)
	75 a 79 anos	780 (0,5%)	41 (0,8%)
	80 anos e mais	1.152 (0,7%)	72 (1,4%)

Fonte: FERNANDES, IS. 2026; dados extraídos de DATASUS.

Por fim, a Tabela 2 demonstra os indicadores hospitalares. A média de permanência geral no Brasil foi de 2,9 dias, enquanto no Paraná o indicador foi ligeiramente inferior, com uma média de 2,6 dias de internação.

Tabela 2 – média de permanência hospitalar

Localidade	Média de Permanência (dias)
Brasil	2,9 dias
Paraná	2,6 dias

Fonte: FERNANDES, IS. 2026; dados extraídos de DATASUS.

DISCUSSÃO

O achado mais proeminente da presente análise foi a drástica redução no número de internações hospitalares por faringoamigdalites em 2020, que atingiu mais de 50% tanto no cenário nacional quanto no estadual. Este resultado corrobora a literatura recente, que demonstrou o impacto das medidas não farmacológicas (distanciamento social, uso de máscaras e higiene das mãos) adotadas durante a pandemia de COVID-19. Tais medidas, voltadas a conter o SARS-CoV-2, efetivamente interromperam a cadeia de transmissão da maioria dos patógenos respiratórios (ZANATTA et al., 2022).

Ademais, os dados confirmam o perfil predominantemente pediátrico das hospitalizações. A concentração de mais da metade dos casos (52,5%) em crianças menores de 10 anos no cenário nacional reflete a epidemiologia clássica da doença. Este achado está em conformidade com a literatura, que aponta essa faixa etária como a de maior risco e prevalência (NASCIMENTO-CARVALHO; MARQUES, 2006 e SOUSA et al., 2024). A alta prevalência em pediatria é frequentemente atribuída à imaturidade relativa do sistema imunológico e à maior exposição e transmissão de patógenos em ambientes coletivos, como creches e escolas (PITREZ; PITREZ, 2006).

A análise da sazonalidade (Gráfico 2) evidenciou um aumento no número de internações nos meses mais frios. O padrão de elevação observado no outono e inverno (com picos em meses como abril, maio e agosto) é um comportamento clássico para infecções do trato

respiratório superior. Esse fenômeno é amplamente descrito na literatura, sendo atribuído a fatores comportamentais, como a maior aglomeração de pessoas em ambientes fechados, e a fatores ambientais, como a baixa umidade do ar, que favorecem a sobrevivência e disseminação dos patógenos (PITREZ; PITREZ, 2006).

Finalmente, na análise comparativa dos indicadores hospitalares, observou-se que o estado do Paraná apresentou uma média de permanência (2,6 dias) ligeiramente inferior à média nacional (2,9 dias). Embora a diferença seja sutil, ela pode sugerir uma maior eficiência na gestão de leitos hospitalares ou a adesão a protocolos de tratamento que favorecem a alta precoce no estado.

Em paralelo, nota-se uma divergência no perfil etário: enquanto no Brasil as internações em menores de 10 anos representam 52,5% do total, no Paraná esse percentual é notavelmente menor (43,4%). Esta discrepância pode indicar um manejo ambulatorial da doença em crianças mais robusto no estado, fazendo com que menos casos pediátricos necessitem de hospitalização, ou pode simplesmente refletir diferenças nos critérios de internação adotados na rede de saúde local em comparação com a média nacional.

CONCLUSÃO

10

O presente estudo teve como objetivo analisar e comparar o perfil epidemiológico das internações hospitalares por faringite e amigdalite aguda (CID J02 e J03) no Brasil e no estado do Paraná, com base nos dados do SIH/SUS de 2010 a 2024.

A análise permitiu traçar um perfil epidemiológico claro e identificar tendências relevantes. Os resultados consolidam o entendimento de que estas infecções têm um impacto maior na população pediátrica, visto que 52,5% das internações no Brasil ocorreram em menores de 10 anos. Além disso, foi demonstrado um padrão de sazonalidade evidente, com picos de hospitalização concentrados nos meses de outono e inverno, o que reflete a dinâmica de transmissão de patógenos respiratórios em períodos frios.

O achado de maior destaque foi a drástica redução no número de internações, superior a 50%, observada em 2020. Este fenômeno, coincidente com o início da pandemia de COVID-19, demonstra a alta sensibilidade dessas infecções às medidas de saúde pública, como o distanciamento social e o uso de máscaras, que efetivamente interromperam a cadeia de transmissão de múltiplos patógenos.

Na esfera comparativa, o estudo revelou que o estado do Paraná, embora siga as tendências nacionais de sazonalidade e perfil etário, apresenta uma média de permanência hospitalar (2,6 dias) ligeiramente inferior à brasileira (2,9 dias). Esta diferença, apesar de sutil, sugere uma gestão de leitos potencialmente mais eficiente ou a aplicação de protocolos de alta distintos.

Como limitações do estudo, ressalta-se o uso de dados secundários de natureza administrativa, que não permitem a diferenciação etiológica (viral vs. bacteriana) nem a análise de desfechos clínicos individuais ou comorbidades.

Conclui-se que o monitoramento das internações por faringoamigdalites é uma valiosa ferramenta de vigilância epidemiológica, capaz de revelar o perfil de risco da população, o impacto de intervenções de saúde pública em larga escala e as particularidades da gestão hospitalar regional. Sugere-se que pesquisas futuras possam focar em estudos de custo-efetividade ou na análise dos protocolos de tratamento que influenciem o tempo de internação.

REFERÊNCIAS

1. BARBOSA, A. M. A.; CARDOSO, C. O. Amigdalite estreptocócica: protocolo de investigação e tratamento. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 5, p. 14951-14957, 2020.
2. COELHO, B. B. et al. Internações por faringite aguda e amigdalite aguda em caráter de urgência no Amazonas. In: CONGRESSO NACIONAL DE TRAUMA E MEDICINA DE EMERGÊNCIA, 3., Anais [...]. 2024.
3. COSTA, Guilherme Kunkel da et al.. INCIDÊNCIA DE FARINGITE E AMIGDALITE AGUDAS: TENDÊNCIAS ATUAIS E PERSPECTIVAS CLÍNICAS.. In: Anais do II Congresso Regional em Atenção Primária à Saúde. Anais...Campinas(SP) Online, 2024.
4. FERRAZ, G. R. C. et al. Diagnóstico e tratamento da faringoamigdalite: uma revisão de literatura. *Periódicos Brasil*, v. 3, n. 1, 2024. doi:10.36557/pbpc.v3i1.36.
5. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-demografico.html>. Acesso em: 31 ago 2025
6. NASCIMENTO-CARVALHO, C. M.; MARQUES, H. H. S. Recomendação do Departamento de Infectologia da Sociedade Brasileira de Pediatria para conduta de crianças e adolescentes com faringoamigdalites agudas. *Jornal de Pediatria (Rio J)*, v. 82, n. 3, p. S58-S64, 2006.

7. PASSOS, S. D. Diagnóstico da faringoamigdalite estreptocócica em crianças e adolescentes: limitações do quadro clínico. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 32, n. 4, p. 283–284, 2014. doi:10.1016/j.rpped.2014.11.013.
8. PITREZ, Paulo M. C.; PITREZ, José L. B. Infecções agudas das vias aéreas superiores: diagnóstico e tratamento ambulatorial. *Jornal de Pediatria (Rio J)*, v. 82, n. 3, p. S71–S86, 2006.
9. SOUSA, B. D. M. et al. Análise epidemiológica das internações por faringite aguda e amigdalite aguda em crianças de até 9 anos no Brasil, entre 2019 e 2023. *Periódicos Brasil*, v. 3, n. 2, p. 2298–313, 2024.
10. ZANATTA, Stefanie Flach et al.. ANÁLISE DAS INTERNAÇÕES POR FARINGITE AGUDA E AMIGDALITE AGUDA NO PERÍODO PRÉ-PANDEMIA E DURANTE A PANDEMIA COVID-19 NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL.. In: *Anais da Semana Acadêmica de Medicina da Universidade Federal de Pelotas. Anais...Pelotas(RS) online*, 2021.